

IMAGENS INVENTADAS E INVENTARIADAS PARA MULHERES TIDAS COMO LÉSBICAS A PARTIR DO CORDEL LESBECAUSE DE SALETE MARIA DA SILVA.

Rozeane Porto Diniz

RESUMO

A partir de estudos sobre a temática das lesbianidades no Cordel, discute-se, as imagens inventadas e inventariadas para mulheres tidas como lésbicas, a partir do cordel *Lesbecause* (2008) de Salete Maria da Silva, tendo como objetivo geral, compreender, a partir da concepção rizomática proposta por Deleuze e Guattari como as lésbicas são estereotipadas através de estigmas e expressões que as querem unificar quando são múltiplas, mesmo compreendendo que o próprio ato de nomear já é um reconhecimento de existência. Tendo como objetivos específicos historicizar o conceito de lesbianidades aqui proposto; Problematizar as práticas de lesbianidades como rizomáticas e por fim compreender de que forma tais práticas rizomáticas são representadas no folheto em questão.

Palavras-chave. Lesbianidades, cordel, rizoma.

ABSTRACT

From studies on the theme of lesbianidades in Cordel, it is argued, invented the pictures taken and inventoried for women as lesbians from *Lesbecause* string (2008) of Salete Maria da Silva, aiming generally understand from the rhizomatic conception proposed by Deleuze and Guattari as lesbians are stereotyped through stigmas and expressions that unify want when they are multiple, even realizing that the very act of naming is already an acknowledgment of existence. Having specific objectives historicize the concept of Lesbianidades proposed here; problematize practices lesbianidades as rhizomatic and finally understand how such practices rhizomatic are represented in the brochure in question.

Keywords. Lesbianidades, twine, rhizome.

1 – Teorizando sobre lesbianidades

Partindo do pressuposto de que a identidade não é unívoca e sim fragmentada, construída e reconstruída no tempo e no espaço, busca-se analisar a luz da composição

rizomática de Deleuze e Guattari, as várias imagens atribuídas às lésbicas, tomando um cordel de Salete Maria da Silva como rizoma dentro do universo literário, mas também como fonte e objeto cultural a ser analisado.

Para isto faz-se uso do cordel *Lesbecause*, escrito por Salete Maria da Silva que é graduada em Direito pela Universidade Regional do Cariri-URCA, Mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará-UFC e atualmente é Doutoranda do Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos - PPG-NEIM, vinculado à Faculdade

de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia-UFBA, onde desenvolve pesquisas voltadas para às questões de gênero e Direito, mais especificamente sobre as Mulheres e a Constituição, É membro-fundadora da Sociedade dos Cordelistas Malditos.

Toma – se o cordel em questão como uma manifestação literária dotada de regras próprias de funcionamento, mas que se alteram á medida que, a produção textual é interferida pelo contexto. Neste sentido, considera – se esta produção literária uma expressão sócio-literária cujo fato social é tratado como um fator substancial ao texto, “*não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura*” (CANDIDO, 2010, p.14). Um elemento textualizado é um fato reescrito, reinterpretado e reestruturado sobre os moldes da linguagem. No processo de criação do cordel, a história também é incorporada, digerida e recriada pelo texto, adequando-se a sua linguagem e muitas vezes, modificando-a.

Neste sentido o cordel Lesbecause, escrito em 2008 retrata a visibilidade dada e algumas das imagens atribuídas às mulheres tidas como lésbicas, bem como sua relação com a luta das feministas por igualdade e também ressalta a luta pela diversidade, assim a temática presente no folheto é das práticas de lesbianidades.

A temática das lesbianidades no Brasil ainda é pouco estudada, ou que apresenta poucas publicações, só em 1956, foi publicado no país o primeiro livro dedicado ao estudo das práticas sexuais entre mulheres Contribuição ao estudo da homossexualidade feminina, de Iracy Doyle. Depois dessa época, identifica-se apenas três livros que passam exclusivamente pelo debate do tema. O primeiro, do historiador e militante gay Luiz Mott, chama-se O lesbianismo no Brasil, de 1987. Dois anos depois, Denise Portinari publicou O discurso da homossexualidade feminina. Por fim, O que é lesbianismo, de Tânia Navarro-Swain, cuja primeira reimpressão é de 2000. As discussões sobre as lesbianidades acabam buscando respaldo em publicações sobre gays masculinos, transexuais e em publicações de cunho feminista. Com isso, percebe-se no mercado editorial e nas pesquisas acadêmicas uma hierarquia de gênero – o homem sempre tendo mais importância do que a mulher, como por vezes ainda ocorre na vida em sociedade. A invisibilidade das lesbianidades não se restringe só as obras escritas, mas também a própria mídia brasileira se elencamos, as vezes que se apresentam em telenovelas por exemplo a homoafetividade que configura-se na prática gay entre homens.

Se fizermos uma retrospectiva histórica para identificar a presença dessas mulheres, verificaremos que esta se confunde com a história da própria humanidade. Apesar dos poucos registros documentais, até porque muitos foram destruídos, pesquisadores da área informam sobre a presença de mulheres que têm relações sexuais com mulheres nas mais remotas e

diversas civilizações, entre eles Mott (1987) e Le Breton (2006). Entretanto, a prática sexual é insuficiente para se falar em identidade lésbica, uma vez que, como ressaltamos, essa discussão envolve também questões de gênero, sociabilidade, militância e uma posição fora do modelo heterocentrista. Luiz Mott (1987) ressalta que, na chegada dos colonizadores ao território americano, chamou-lhes a atenção a presença de mulheres tidas como masculinas, que se casavam com outras mulheres e que assumiam tarefas destinadas a homens. A mesma observação é feita por Trevisan (2004) ao citar trechos da carta que o Padre Pero Correa teria escrito em 1551, entre eles: *“há muitas mulheres que assim nas armas como em todas as outras coisas seguem ofício de homens e têm outras mulheres com quem são casadas.”* (p. 67). Será que, a partir de Mott e Trevisan, podemos realmente considerar essas mulheres lésbicas? Essa expressão, aliás, sequer existia no Brasil colonial e muito provavelmente o olhar do colonizado sobre essas práticas se distinguia bastante dos olhos do colonizador. De doentes a perigosas, as mulheres masculinizadas e que tinham relações sexuais com outras mulheres sempre estiveram presentes na história do Brasil. É Mott, (1987), o responsável pela mais ampla representação dessa presença até 1980. Segundo o pesquisador, essas mulheres faziam parte das mais diversas camadas econômicas e sociais.

Apesar da constatação do historiador sobre a presença de mulheres que se relacionam com mulheres em toda a história do país e nas mais diversas classes, percebe-se que as informações são sempre muito vagas e gerais. Embora o material para pesquisa seja escasso até o momento, acredita-se que, desde o início do século XXI, houve um incremento da discussão sobre lesbianidades, inclusive entre pesquisadores, motivada, entre outras coisas, por listas de discussões virtuais e blogs, o que só foi possível com a crescente expansão do acesso à internet, um exemplo é o próprio blog da cordelista Salete Maria da Silva, que não se pretende apenas na discussão sobre práticas lésbicas, mas homofóbicas e outras mais e também para o conhecimento de sua produção de cordel, intitulado Cordelirando e o site Voz da mulher lésbica brasileira.

2 - As lesbianidades são rizomáticas

Numa sociedade falocêntrica à mulher é relegado espaços domésticos, a submissão e a invisibilidade. O homem é tido como um ser dotado de inteligência, é então responsável pelo sustento da família e é considerado superior à mulher. Pierre Bourdieu destaca que ao homem “naturalmente” cabe o mundo exterior e à mulher, a casa, onde terá constantemente a vigilância de seus pais e maridos:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção. (...)
A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a

dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. (BOURDIEU,1999, p. 18).

Características que ficam gravadas nas identidades tanto do homem quanto da mulher. Neste contexto, partimos do pressuposto do conceito de Identidade atribuído por Édouard Glissant (2005) onde para o autor utilizando-se do modelo rizomático de Deleuze e Guattari a Identidade é rizomática que vai ao encontro de outras raízes, em substituição ao conceito de identidade raiz única. A imagem ou modelo rizomático pretende se contrapor à lógica binária cartesiana configurada na imagem da árvore-raiz. Consideramos, portanto, que a identidade é construída e distribuída no sentido de produzir uma sensação de pertencimento. Neste contexto, a identidade tornando-se algo que é móvel, assim formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais nos quais fazemos parte. Os sujeitos assumem identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Acrescente-se que as mulheres descritas como lésbicas são associadas a identidades móveis, por vezes identidades que não mais lhes produzem que a sensação de pertencimento (sapatão, pervertida, fanchona, roçadilha, homaça, machão, machoa, marimacho, mulher-homem, mulher-macho,...) o dicionário que as codificam não para por aí. Mas vale apenas salientar que segundo Lessa a palavra lesbianismo na literatura mundial surgiu ligada à patologia e a criminalística do século XIX. A finalidade era catalogar e estudar as perversões sexuais. Criada junto com o termo homossexualidade, o objetivo era definir regras, dentro do aparato médico científico, normalizando as relações sociais. Na literatura brasileira, essa personagem permaneceu sem nome até 1894. É importante frisar que as lesbianas não se constroem como personagens sociais, segundo Lessa, conhecidas somente na modernidade. Ela diz que na Idade Média há relatos de processos inquisitoriais, nos quais discursos evocam relações entre mulheres sem que elas sejam nomeadas. Lessa aponta que essas relações eram sempre ligadas a pecado, crime, doenças, perversão sexual; uma desvalorização que culminava em processos que levavam à fogueira e à morte. Mas, se a modernidade deu-lhes nome também criou estigmas. Por isso hoje se busca substituir os termos homossexualismo e lesbianismo por homossexualidade e lesbianidades, em função de sua criação pejorativa atrelada a patologias. Entendendo que, *“Lesbianidade é o único conceito que conheço que está além das categorias de sexo (mulher e homem), pois o sujeito designado (lesbiano) não é uma mulher, nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente.”* (WITTIG, 2009. p. 102), faz-se uso no plural para

abarcando toda e qualquer possibilidade de relação amorosa e ou sexual, afetiva e ou desejosa entre duas ou mais mulheres.

No entanto, não pode-se esquecer das questões relacionadas com as políticas públicas, pensando nelas precisamos reconhecer que o nomear é necessário para o reconhecimento da própria existência destes indivíduos, embora o nomear, codificar seja “*uma tentativa de reduzir uma vida a alguns de seus traços, de suas marcas, desconhecendo o quanto esta excede a qualquer escrita*”. (ALBUQUERQUE JR., 1998, p. 70)

3 - Análise do Cordel Lesbecause

faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um general em você! Nunca idéias justas, justo uma idéia (Godard). Tenha idéias curtas. Faça mapas, nunca fotos nem desenhos. Seja a Pantera cor-de-rosa e que vossos amores sejam como a vespa e a orquídea. (DELEUZE, GUATTARRI. 1995. p. 36)

O cordel Lesbecause já no título acaba por evocar rastros de suas nomeações em relação à mulher que se relaciona com outra mulher, pois Les, vem de Lésbica, indicando neste caso já assumir uma primeira imagem, que seria a de lésbica.

O termo lésbica historicamente remonta a ilha grega de Lesbos, onde viveu Safo, poetisa considerada por Platão a 10ª musa, que cantava o amor entre as mulheres. Ela criou uma escola só para moças, em que as alunas eram tratadas por heitairai (amigas). Apaixonou-se especialmente por uma delas, Atis, que se tornou sua maior amante e a decepcionou ao se apaixonar por um moço e ser retirada da escola pelos pais. O Papa Gregório VII queimou, em Roma, nove dos 10 livros da poetisa. Lesbos e Safo hoje são nomes reconhecidos como símbolo das lesbianidades. Em 1864, ao editar uma coletânea de poemas com o nome Les lesbiennes, Charles Baudelaire inicia a divulgação da palavra na literatura francesa. No Brasil, Mott (1987) registra o uso da palavra pelo menos desde 1894, quando o criminalista Viveiros de Castro, segundo o autor, introduziu o termo lésbica como sinônimo de “invertida sexual”.

Não importa se quando surgiu o termo lésbica estava carregado de pejoratividade, pois é fluído, é rizomático, não se quer dizer que não signifique o relacionamento entre duas ou mais mulheres, mas isto não encerra a lésbica, a nomenclatura só tolhe a pessoa a alguns de seus traços, não diz quem ela é, porque o ser, enquanto essência criado pelos iluministas não existe, talvez nunca tenha existido. As convicções e certezas otimistas do intento iluminista foram abaladas, pois a razão não liberou a humanidade, tampouco nenhum projeto utópico nos levou ao paraíso. “*A lógica do efêmero e do provisório, a flexibilidade das opiniões, o gosto pelo espetacular e a*

inconstância das ações e mobilizações sociais redesenham o traçado contemporâneo, seja no campo artístico, literário, cultural e político.” (SOUZA. 2007, p. 134)

Também não queremos dizer que, elencando estas práticas das lesbianidades como rizomáticas tenhamos começado ou concluído algo, mas apenas desterritorializado os conceitos que parece querer territorializar as lésbicas a uma espécie de pertença.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE, GUATTARRI. 1995. p. 4).

Adentrando aos primeiros versos do cordel lesbecause, a segunda adjetivação para mulheres que se relacionam com mulheres logo surge “mulher gay”.

Deixe-me ver si apre (e) ndi
A Língua da mulher gay
Deixe-me ver se (ab) sorvi
O tal do verbo dizer:
Seio você, seio me, seio que
Lesbecause deixe-me ver
Em junho dez dias felizes

O fato de se referir á mulher como gay, abre uma ressalva interessante, por muito tempo a mulher que tinha relações com outras mulheres era tida como macho, machão, sapatão ou qualquer outra coisa menos mulher, e neste sentido não se pode negar o biologicamente aparente e este talvez fosse o uno de que parte o rizoma, este uno não pode ser negligenciado, mas este uno é subtraído do múltiplo.

Uma outra adjetivação é versada no cordel e faz referência a uma expressão popular, perceba:

Por causa das lesbianas
As feministas ampliam
A pauta das veteranas
Sussurram, berram e miam
Dizem “mulher com mulher”
E já não dá jacaré

Neste verso a autora retrata ironicamente mais uma forma preconceituosa de adjetivar a mulher lésbica, que virou um ditado popular.

Trata-se de uma expressão criada sobre a codificação de que a posição sexual regular (uma de frente pra outra, deitadas), seria semelhante ao desenho de um jacaré. Não se sabe

exatamente qual a origem da expressão, mas cria o estereótipo da mulher gay como animal, se tomarmos o jacaré como animal irracional que é e ainda aquele que é egoísta e mata até seus filhotes na sua forma de viver, perceberemos que a comparação é extritamente negativa. A autora diz que já não se decodifica estas mulheres com tal expressão.

No entanto, as tentativas de enraizamento ainda são grandes, mas segundo Salete graças as feministas e também as lésbicas que se assumem como tal, a multiplicidade passa a ser visibilizada, possibilitando assim o funcionamento do rizoma mesmo que seja *“indizível o quanto de dor, pretensão, dureza, estranhamento, frieza, penetrou assim no sentimento humano, por se pensar ver posições em lugar das transições.”* (NIETZSCHE, 2004, p. 67). Assim a metáfora do rizoma pode representar muito bem a fragmentação e a descontinuidade do pensamento atual sobre a temática das lesbianidades, em especial na produção cordelista.

O rizoma é uma estrutura organizacional fluida da multiplicidade, que procede sem hierarquia, nem dicotomia, não queremos endeusar ou hierarquizar a produção de cordel aqui estudada, mas dar-lhe visibilidade que por vezes só é possível assumindo-a como rizomática.

Apesar da linguagem rebuscada e difícil de Deleuze e Guattari, os princípios do rizoma são simples de serem percebidos e podem sê-lo no jogo de linguagem pós-moderno, o cordel Lesbecause é exemplo disto. Não é escrito por um iletrado, mas por alguém de formação acadêmica sólida. Inclusive o fato da formação e do lugar de Salete Maria da Silva a faz ser rejeitada pela Sociedade de cordelistas, considerada inclusive como cordelista maldita. Mas seu cordel pode ser percebido como um personagem desse jogo

Vamos a mais uma expressão por muitos utilizada para estereotipar as lésbicas é a expressão sapatão, percebeba que através de um jogo de linguagem a cordelista brinca com a expressão e os preconceitos carregados pela mesma.

Por causa das lesbianas
É feita a tal discussão
Se Marias vão com Anãs
Por que chamar sapatão?
Preconceito dê no pé!!
O chato é ter chulé
Amor não faz calo, não

Sapatão é uma expressão de conotação sexual, pelas pesquisas feitas até então só têm relatos de origem no Brasil e é utilizada para significar a mulher lésbica que exerce papel sexual ativo, vale dizer, na "relação sexual entre ambas" ela (a chamada sapatão) é, diga-se, "o homem do casal.

Anatomicamente em comparação com as mulheres os homem detêm os membros inferiores (pés) maiores que das mulheres o que exemplifica tal expressão.

Mas a função rizomática está para um movimento que rompe as barreiras do discurso "superior" (diga-se masculino, "sapatão"...), inventando um espaço de expressão das intensidades de uma cultura habitada por sujeitos desejanter em relação a literatura, a arte em geral e a psicanálise. São discursos margeadores que se comprometem com um movimento de suplementar o discurso da suposta sociedade dominante. Não confrontando-o, mas penetrando fissuras e promovendo infiltrações desconstrutoras. Assim não só a temática em questão das lesbianidades abre fissuras, como a própria produção cordelista em relação ao cânone literário. Tanto é assim que numa pesquisa sobre a produção cordelista de temática gay feminina no Brasil, percebe-se a grande escassez, seja nas editoras, seja nas associações como a Associação Brasileira de Literatura de Cordel, quando se encontra uma produção de literatura de cordel que cite termos como sapatão, mulher-macho, isto é feito de forma pejorativa, valorativa e em cordéis produzidos por homens. No Brasil ao que parece até então só Salete Maria da Silva e aí não interessa neste momento seu lugar sócio-cultural é que levanta problematizações em torno da temática elencando-a como objeto central de seus estudos.

Os discursos presentes em cordéis como Lesbecause têm uma função rizomática por estarem não-todo submetidos à lei do dominante, lei esta que não viabiliza a inscrição do sujeito do desejo, mas antes o anula. Esta função democrática destes margeadores implica a pulverização dos grandes centros que são substituídos por formações de linhas que se cruzam ocasionalmente e em qualquer parte. Assim, toda tentativa de centro vai sendo quebrada, pois nesse movimento as linhas se tocam e até fazem um ponto, mas um ponto local no tempo e no espaço, forjando pólos de subjetivação que não têm a rigidez da formalização central.

Segundo Reis (1992, p. 68) "*o texto literário não é uma presença, mas uma espaço vazio, cuja semantização está para ser produzida pela práxis historicamente determinada ao leitor*", é o ato da leitura da interpretação que dota este vazio de significado, assim a leitura está sempre sujeita ao lugar de recepção.

Ainda de acordo com Reis (1992) a humanidade representada pelo cânone é limitada e pouco diversificada, reduzida a civilização ocidental, branca, cristã, patriarcal e heterossexual. Cabe então alguns questionamentos; onde estão as falas dos africanos, das mulheres, dos muçulmanos, dos negros, das minorias sexuais, "das lésbicas" onde suas falas aparecem,?

A noção de valor e atribuição de sentido não são empresas separáveis do contexto cultural e político em que se reproduzem, não podendo, por conseguinte, ser desconectadas de um quadro histórico. (...) Sob este prisma, o texto literário deixa de ser um objeto estático (e estético) e passa a se entrançar com o autor, o leitor, com o horizonte histórico que lhe é subjacente ou que lhe deixou pegadas com outros textos, com o passado e o presente e o futuro estabelecendo uma emaranhada rede de afiliações intertextuais. (...) Uma indagação do cânon tampouco deve ser apartada de

toda uma tendência, nesta época tida por pós-moderna, de colocar entre parênteses alguns dos alicerces da cultura ocidental: a metafísica, o racionalismo, o humanismo, o logocentrismo, o falocentrismo, o patriarcalismo, o etnocentrismo, o capitalismo, o colonialismo, o imperialismo, a hegemonia burguesa, o arianismo, o racismo, a homofobia, os mitos do Estado, da objetividade, da ciência, do progresso, da tecnologia, a moral judaico-cristã, para listar as mais relevantes. Todos estes saberes serviram para assegurar a dominação do Ocidente, do branco, do homem, das classes privilegiadas sobre outras culturas, etnias, grupos sociais, sexualidades. (REIS, 1992. p.73, 74, 75)

Se pensarmos então a literatura como constructo cultural e não uma categoria universal, esse conceito, passa, então, a ser compreendido como prática discursiva, dentre outras, representando e produzindo a realidade, ao invés de recalcar alteridades e instituir obstáculos sociais.

Adentrando a esta problemática pudemos perceber as fissuras, provocadas pela literatura de cordel que problematiza as práticas das lesbianidades, proposta por Salete Maria, através da função rizomática, representada no cordel Lesbecause.

Considerações Finais

Ao problematizarmos o cordel Lesbecause, na sua produção, enquanto especificidade dentro da literatura de cordel, referenciada pela temática das lesbianidades, percebeu-se o quanto de multiplicidades está presente não só nesta produção enquanto cordel, mas nas imagens suscitadas pela autora que são ou foram inventadas para mulheres tidas como lésbicas.

Para finalizar podemos dizer que a presença da imagem rizomática na produção do cordel Lesbecause é latente, especialmente na negação e problematização das expressões negativizadas criadas para inventariar as mulheres gays, como também é possível perceber o quanto rizomática são as práticas das lesbianidades, uma vez que a escrita que nomeia, que faz estereotipar através das expressões, como sapatão, entre outras, não dão conta, não tolhe as lésbicas porque elas transcendem as adjetivações.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR. **Os “maus costumes” de Foucault**. In Revista de Pós-Graduação em História. V. 6 Universidade Estadual Paulista. 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DOYLE, Iracy. **Contribuição ao Estudo da Homossexualidade Feminina**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1956.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006

LESSA, Patrícia. **Que ‘babado’ é esse? Corpo, sexualidade e lesbiandade no gay pride. Labrys, estudos feministas**. 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/lesb/patricia.htm>>. Acesso em: agosto de 2011.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Feminismo e Lesbianismo: a identidade em questão**. In: Cadernos Pagu: Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX. Campinas: ed. UNICAMP, 1999.

_____. **O que é o lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **Feminismo e Lesbianismo: quais desafios?** IN: Labrys, estudos feministas. n. 1-2, jul-dez, 2002. <Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em: ago., 2011.

_____. **O que a história não diz, nunca existiu?** as amazonas brasileiras. Caminhos da História (UNIMONTES), 2004

NIETZSCHE, W.F. **Humano, demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REIS, R. Canôn. In JOBIM, J. L. (Org) **Palavras da escrita. Tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro. Imago, 1992.

SILVA, Salete Maria. **Lesbecause**. 2008

SOUZA Eneida Maria de. **Tempo de pós-crítica**. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WITTIG, Monique. **The Straight Mind: and other essays**. Boston: Beacon Press, 1992.

Sites acessados

PALAVRA “lésbica” é universal, decide Justiça grega. 23/7/2008. Disponível em www.athosgls.com.br/noticias_visualiza.phpcontcod=24085.htm. Acesso em 02/agosto de 2011

LÉVY, Pierre. Entrevista concedida a interface. Texto eletrônico disponível em <http://WWW.corposem.org/rizoma/árvores.htm>.